



Desigualdade omitida

LULA NA ONU O presidente pretende liderar o grupo dos países emergentes, esquece, porém, o fato deprimente

POR MINO CARTA

No discurso pronunciado na Assembleia-Geral das Nações Unidas, a expressão mais usada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi “desigualdade social”. Referia-se a uma pretensa desigualdade a reinar na patética bola de argila que habitamos, girando elipticamente em torno de uma estrela menor chamada Sol. Aquela público selecionadíssimo aplaudiu com transparente entusiasmo. Talvez entendesse que a atual composição do plenário tivesse de ser alterada, de sorte a permitir o ingresso de novos integrantes no grupo, no momento reduzido, habilitado a dar provimento ou a negá-lo às decisões da Assembleia.

Em matéria de desigualdade social, o país governado pelo palestrante é campeão, conforme estatísticas há tempo divulgadas. Nestes dias, aliás, outra surgiu, obra da União dos Bancos Suíços. Informou que 1% dos mais ricos brasileiros controla 48% da riqueza do País. De alguma forma, esta é a chancela de uma autoridade

indiscutível à existência de casa-grande e senzala em uma terra que ainda não se livrou da herança medieval. A realidade nua e crua todos a conhecemos. Andar pelas calçadas do Brasil coloca em risco o nosso passo, diante da possibilidade premente de tropeçar em quem ali

dorme ou repousa eventualmente sobre um colchão de jornais amarrotados. Seria um luxo, bem como a sombra de uma árvore.

Sabemos também dos efeitos das “cracolândias” sobre o crescimento da

criminalidade. De longa data são as estatísticas relativas ao monstruoso abismo que no Brasil separa ricos e pobres. E uma delas nos colocava em segundo lugar no mundo, depois do país do *Apartheid*, em situação pior do que muitas nações africanas e asiáticas. Só faltava mesmo a passagem de Jair Bolsonaro, energúmeno demente, para piorar ainda mais uma situação já bastante comprometida. Diga-se que o presidente Lula, sempre que entrou na liça eleitoral, teve o apoio declarado de *CartaCapital*, sem contar os comportamentos da revista para popularizar o líder operário no comando do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

Foi uma longa luta, da qual participamos honrados pela oportunidade. Com notável



Justas críticas à hegemonia do Conselho de Segurança



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 30

Lava Jato. Há ainda
muito entulho nos
escombros da operação



TIMOTHY A. CLARY/AFP/ED JONES/AFP

antecipação registramos o talento invulgar da liderança nascente, hoje presente nas reuniões e conferências dos grandes da Terra. Somos fiéis a uma tradição do jornalismo honesto que inúmeras vezes nos escalou para o combate contra o resto da mídia nativa. Nossa atuação marca profundamente a comparação com a mesma mídia que incansavelmente se postou ao lado da chamada República de Curitiba ao longo da criminoso operação dita Lava Jato, e em momento algum

esmorecemos no combate. Hoje causa certa surpresa o apoio dos antigamente ofendidos a quem repetidamente os denegriu com inaudita ferocidade.

Do discurso pronunciado na ONU transparece o propósito de Lula de tornar o Brasil o representante dos países emergentes, aspiração legítima e condizente com o prestígio do próprio presidente e com as potencialidades da nação. O discurso do mandatário brasileiro é

próprio da tradição das Nações Unidas e válidas e oportunas são as críticas à composição que Lula faz do Conselho de Segurança, nascido dos resultados da Segunda Guerra Mundial. Mudaram no ínterim as condições da política internacional, de sorte a justificar a reformulação da organização planetária.

É nesta instância, pelo menos, que a desigualdade apontada por Lula continua em vigor, como resultado de uma decisão hoje totalmente anacrônica. •

